

O ENSINO DO DIMINUTIVO: PRODUTIVIDADE, CRIATIVIDADE E POLISSEMIA

Vitor de Moura Vivas (IFRJ)

vitor.vivas@ifrj.edu.br

Margareth Andrade Morais (IFRJ)

margareth.morais@ifrj.edu.br

Nesta comunicação, aborda-se como determinadas formações lexicais podem ser estudadas tendo em vista seus efeitos de sentido. De acordo com Basílio (2011), as motivações para a criação de novas palavras, por exemplo, podem vir de outros níveis de organização da linguagem como o texto. Assim, podemos dizer que padrões morfológicos se compatibilizam com a orientação argumentativa dos textos. Por meio de algumas categorias analíticas da Linguística Textual, como a noção de gêneros e referenciação (KOCH, 2005; CAVALCANTE, 2011), por exemplo, é possível estabelecer uma perspectiva de análise em que fenômenos morfológicos sejam examinados com base nos textos nos quais emergem. Partimos da hipótese, com base em Souza e Gonçalves (2018), que o imbricamento entre essas duas áreas pode trazer importantes considerações acerca da motivação para o uso de determinados expedientes morfológicos. Em relação aos conceitos fundamentais de morfologia que norteiam esta comunicação, Basílio (2011) apresenta quatro motivações presentes na formação de palavras na língua. Gonçalves (2007; 2011; 2019) trata da possibilidade de nomear um novo item através do afixo de grau como lexicalização semântica, visto que o significado da palavra com -inho, -inha não se dá pela soma de base + sufixo de grau. Dentro dessa perspectiva, analisamos a coluna “Delicinhas da língua; veja um breve compêndio do diminutivo no português”, publicada no jornal Folha de São Paulo. Acreditamos que a interface morfologia-texto pode ser bastante produtiva para o ensino no nível básico, por fomentar um trabalho de leitura integrado a atividades de análise linguística.

Palavras-chave:

Diminutivo. Ensino. Morfologia.